



MANUAL ANTIRRACISTA PARA PROFISSIONAIS DE SAÚDE

Rafaela de Oliveira Cunha
Bruna Paixão Oliveira Meurer
Amanda Helena Novaes
Isabel Cristina Gonçalves Leite

Rafaela de Oliveira Cunha
Bruna Paixão Oliveira Meurer
Amanda Helena Novaes
Isabel Cristina Gonçalves Leite

MANUAL ANTIRRACISTA PARA PROFISSIONAIS DE SAÚDE

Juiz de Fora
2025

Editor Chefe:

Dr Guilherme Barroso Langoni de Freitas

Corpo Editorial:

Dr. Alaercio Aparecido de Oliveira
(Faculdade INSPIRAR, UNINTER, CEPROMEC e Força Aérea Brasileira)
Dra. Aldenora Maria Ximenes Rodrigues
MSc. Aline de Oliveira Brandão
(Universidade Federal de Minas Gerais - MG)
Dra. Ariadine Reder Custodio de Souza
(Universidade Estadual do Centro-Oeste – PR)
MSc. Bárbara Mendes Paz
(Universidade Estadual do Centro-Oeste - PR)
Dr. Daniel Brustolin Ludwig
(Universidade Estadual do Centro-Oeste - PR)
Dr. Durinézio José de Almeida
(Universidade Estadual de Maringá - PR)
Dra. Egidia Maria Moura de Paulo Martins Vieira
Professora UNIFSA (Centro Universitário Santo Agostinho)
Dr. Everton Dias D’Andréa
(University of Arizona/USA)
Dr. Fábio Solon Tajra
(Universidade Federal do Piauí - PI)
Francisco Tiago dos Santos Silva Júnior
(Universidade Federal do Piauí - PI)
Dra. Gabriela Dantas Carvalho
Dr. Geison Eduardo Cambri
Grace Tomal
(Universidade Estácio de Sá, Cruzeiro do Sul, Instituto Libano)

MSc. Guilherme Augusto G. Martins
(Universidade Estadual do Centro-Oeste - PR)
Dr Guilherme Barroso Langoni de Freitas
(Departamento de Farmacologia e Terapêutica Universidade Estadual de Maringá UEM)
Dra. Hanan Khaled Sleiman
(Faculdade Guairacá - PR)
MSc. Juliane Cristina de Almeida Paganini
(Universidade Estadual do Centro-Oeste - PR)
Dra. Kátia da Conceição Machado
(Universidade Federal do Piauí - PI)
Dr. Lucas Villas Boas Hoelz
(FIOCRUZ - RJ)
MSc. Lyslian Joelma Alves Moreira
(Faculdade Inspirar - PR)
Dra. Márcia Astrês Fernandes
(Universidade Federal do Piauí - PI)
Dr. Otávio Luiz Gusso Maioli
(Instituto Federal do Espírito Santo - ES)
Dr. Paulo Alex Bezerra Sales
MSc. Raul Sousa Andreza
MSc. Renan Monteiro do Nascimento
Saulo Barreto Cunha dos Santos
(Universidade Federal do Rio Grande do Norte – RN)
MSc. Suelen Aline de Lima Barros
Professora UNIFSA (Centro Universitário Santo Agostinho)
Dra. Teresa Leal

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(EDITORA PASTEUR, PR, BRASIL)

C972M CUNHA, RAFAELA DE OLIVEIRA.
MANUAL ANTIRRACISTA PARA PROFISSIONAIS DE SAÚDE / CUNHA, R.O.; MEURER, B.P.O.; NOVAES, A.H.; LEITE, I.C.G. - JUIZ DE FORA - MG: PASTEUR, 2025.
1 livro digital; 23 p.; ed. I; il.

MODO DE ACESSO: INTERNET
ISBN: 978-65-6029-313-7
<https://doi.org/10.59290/978-65-6029-313-7>
1. RACISMO 2. ACESSO AOS SERVIÇOS DE SAÚDE 3. EDUCAÇÃO EM SAÚDE
I. TÍTULO.

CDD 305.8
CDU 316.728

sumário

05

PREFÁCIO

06

**O QUE É RACISMO E
O QUE EU TENHO A
VER COM ISSO?**

09

**O IMPACTO DO
RACISMO NA ÁREA
DA SAÚDE**

14

**AFINAL, QUAL O MEU
PAPEL DIANTE DO
RACISMO E DE SUAS
REPERCUSSÕES?**

15

**COMO SER UM
PROFISSIONAL DE
SAÚDE
ANTIRRACISTA?**

21

**PASSO A PASSO PARA
SE TORNAR UM
PROFISSIONAL
ANTIRRACISTA**

23

**SUGESTÕES DE
LEITURA**

24

REFERÊNCIAS

PREFÁCIO

Falar sobre racismo é falar sobre a vida — sobre quem tem o direito de nascer, de viver plenamente, de morrer com dignidade e sobre quem é sistematicamente privado desses direitos. É falar sobre saúde, sobre justiça e sobre humanidade. Este Manual Antirracista para Profissionais de Saúde surge do reconhecimento de que não há cuidado verdadeiro onde há injustiça e violência, sejam elas concretas ou simbólicas, e de que a neutralidade diante do racismo é, na prática, uma forma de perpetuá-lo. Ser antirracista não é um gesto simbólico. É uma escolha política, ética e afetiva. É o compromisso diário de olhar o outro com a dignidade que lhe foi negada por séculos, de escutar o que o silêncio da história tentou apagar e de agir — mesmo quando isso exige desconforto, mudança e coragem.

A luta antirracista não pertence apenas às pessoas negras. É uma tarefa coletiva, um chamado à responsabilidade de todas as pessoas que acreditam em um mundo mais justo. Na saúde, esse chamado é ainda mais urgente, pois o racismo adoece, mata e atravessa as práticas, as políticas e as relações de cuidado. Enfrentá-lo é salvar vidas.

Este manual é, portanto, mais do que um guia: é um convite à consciência e à ação. Ele provoca, educa e inspira. Convida cada profissional de saúde a reconhecer seus privilégios, rever seus gestos e transformar o espaço que ocupa.

Que cada leitura se transforme em prática, e cada prática em semente de um novo tempo — um tempo em que a equidade racial não seja apenas um ideal, mas uma realidade concreta e cotidiana.

Danielle Teles da Cruz

Professora associada do Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de
Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora
Diretora de Ações Afirmativas da Universidade Federal de Juiz de Fora

O QUE É RACISMO E O QUE EU TENHO A VER COM ISSO?

Quando você pensa em “racismo”, o que vem de imediato à sua mente?

É bem provável que, nesse momento, você tenha pensado em alguma forma de preconceito ou discriminação de uma pessoa em relação a outra por causa da raça. Isso está correto? Em parte sim. De fato, esse tipo de comportamento é uma expressão — infelizmente, muito comum — do racismo. Porém, é fundamental compreendermos o quanto o racismo transcende essa manifestação individual.

É fácil dizer que não somos racistas e, portanto, não temos nada a ver com essa discussão, quando pensamos no racismo apenas como um ato discriminatório individual. No entanto, o racismo não se reduz a um preconceito ou a um ato discriminatório. Embora muitas vezes se manifeste em formas individuais de discriminação racial, o racismo é definido por seu caráter sistêmico e estrutural (Almeida, 2019).

O racismo é um sistema de opressão que gera comportamentos, práticas e crenças que fundamentam desigualdades evitáveis e injustas entre grupos sociais com base na raça. Ele constitui um elemento estrutural e estruturante das relações em nossa sociedade (Bonilla-Silva, 2021).

Daí vem o termo “racismo estrutural”, que você possivelmente já pode ter ouvido falar. Quando falamos de racismo estrutural não estamos nos referindo a um “tipo” de racismo. Na realidade, o racismo é sempre estrutural, pois consiste em um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade (Almeida, 2019).

O racismo molda todas as relações sociais, políticas, jurídicas e econômicas que desfavorecem uma pessoa ou grupo por conta da sua raça. Assim, abrange desde os sistemas, leis e políticas (escritas ou não escritas) que produzem, toleram e perpetuam o tratamento injusto generalizado de determinados grupos raciais até as expressões individuais de ódio e violência, como o preconceito e discriminação racial (Braverman *et al.*, 2022).

PRECONCEITO RACIAL

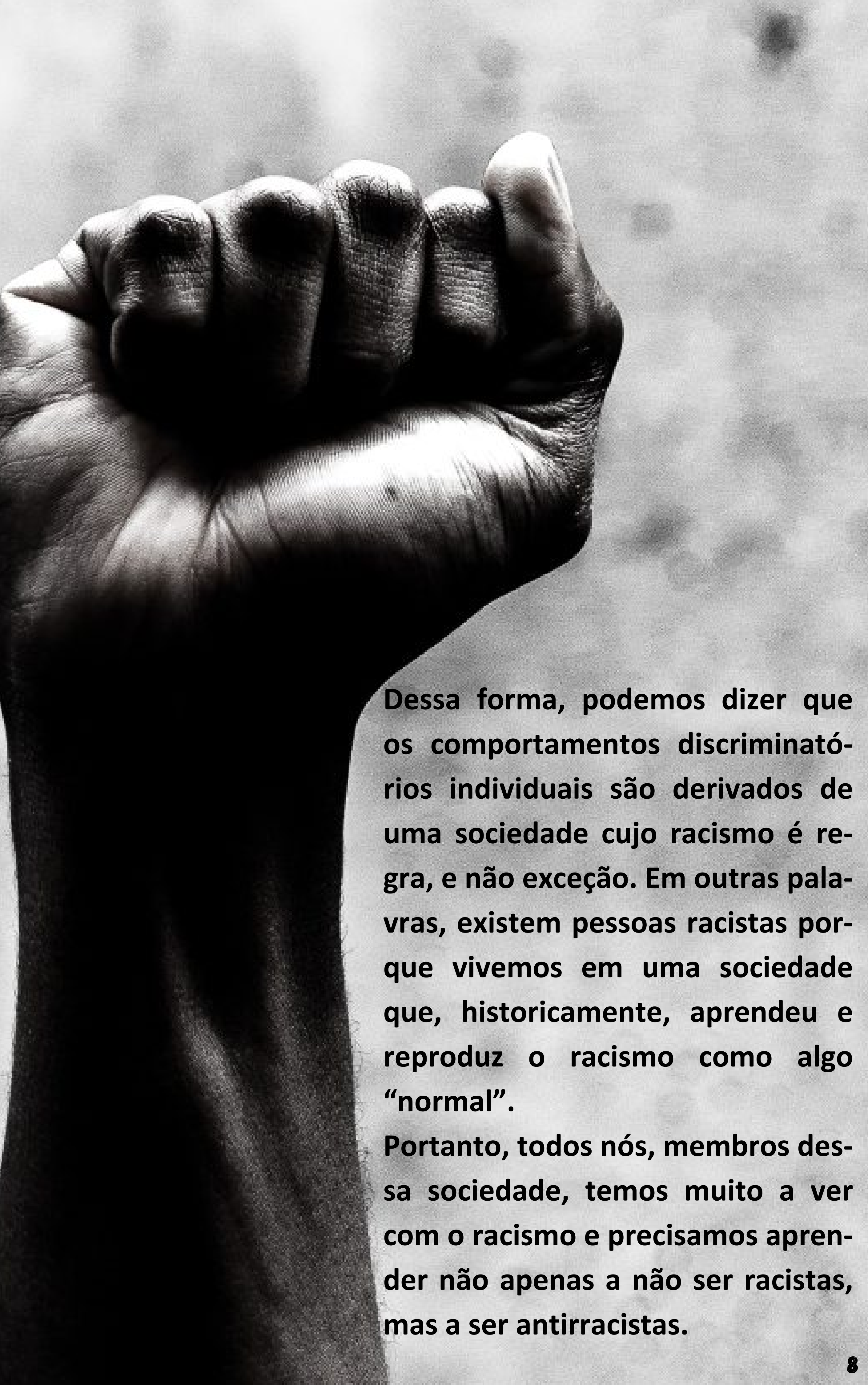
Trata-se de um julgamento baseado em estereótipos sobre indivíduos pertencentes a um grupo racial específico. Pode ou não resultar em práticas discriminatórias. É um fenômeno pertencente ao campo das ideias e dos processos mentais.

DISCRIMINAÇÃO RACIAL

É a ação baseada no preconceito. Consiste em dar tratamento diferenciado a alguém ou a um grupo em razão da raça. Inclui ações que prejudicam ou colocam em desvantagem outro grupo racial, e também aquelas que injustamente favorecem o próprio grupo perpetrador em detrimento do outro.

RACISMO

Sistema de opressão através do qual condição de subalteridade e privilégio é distribuída entre os grupos raciais e se reproduzem nos domínios da política, economia e nas interações cotidianas. Englobam, além de manifestações individuais de preconceito e discriminação, todas as relações sociais, políticas, jurídicas e econômicas que desfavorecem uma pessoa ou grupo por conta de sua raça.



Dessa forma, podemos dizer que os comportamentos discriminatórios individuais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra, e não exceção. Em outras palavras, existem pessoas racistas porque vivemos em uma sociedade que, historicamente, aprendeu e reproduz o racismo como algo “normal”.

Portanto, todos nós, membros dessa sociedade, temos muito a ver com o racismo e precisamos aprender não apenas a não ser racistas, mas a ser antirracistas.

O IMPACTO DO RACISMO NA ÁREA DA SAÚDE



O racismo impacta a saúde de várias formas, incluindo a maior prevalência de problemas físicos e mentais entre grupos raciais marginalizados, iniquidades no acesso a serviços de saúde e a falta de diversidade e competência cultural entre os profissionais de saúde.

As **iniquidades raciais em saúde** se referem a diferenças injustas entre grupos com base na raça, etnia ou quaisquer outros marcadores de herança ancestral ou cultural. Essas iniquidades são evidentes em uma variedade de indicadores.

- Indivíduos negros frequentemente apresentam taxas mais altas de doenças crônicas, como diabetes, hipertensão e doenças cardíacas;
- A expectativa de vida é consistentemente mais baixa entre as populações negras em comparação com grupos brancos.

Essas diferenças não se devem a características genéticas, mas sim às conjunturas sociais, econômicas e ambientais que são moldadas pelo racismo. As condições nas que as pessoas vivem, aprendem e se divertem contribuem para a sua saúde. O **racismo estrutural** expõe as pessoas negras a condições prejudiciais à saúde, além de impor e sustentar barreiras às oportunidades que promovam saúde e bem-estar. As oportunidades negadas incluem acesso a bons empregos, condições satisfatórias de moradia, educação de qualidade, tratamento justo pelo sistema de justiça criminal e cuidados de saúde de alta qualidade (Almeida, 2019).

As **experiências discriminatórias individuais**, também afetam a saúde de indivíduos de grupos raciais marginalizados. Em todos os níveis econômicos, esses indivíduos são expostos constantemente a um tratamento interpessoal injusto baseado na raça, que pode produzir um estresse crônico, que é comprovadamente capaz de aumentar o risco de doenças crônicas.

Mesmo que um determinado indivíduo não tenha experimentado pessoalmente um tratamento abertamente discriminatório, a consciência do tratamento injusto com base na raça sofrido pelos pares semelhantes pode ser estressante, levando à ansiedade crônica e à preocupação sobre a ocorrência de incidentes pessoais. A partir da literatura médica, sabemos que a discriminação racial percebida leva à desconfiança no sistema de saúde, depressão induzida por estresse, comportamentos de saúde prejudiciais e resultados de saúde ruins (Braverman *et al.*, 2022).

Em suma, podemos dizer que o racismo é uma causa fundamental das doenças e a grande raiz das desigualdades raciais em saúde em todo mundo. Ele adoece e mata, seja por força, privação ou discriminação.

O racismo também exerce influência na **força de trabalho em saúde**, resultando em baixa diversidade racial, falta de competência cultural e, até mesmo, tratamento discriminatório (consciente ou inconsciente) por parte dos profissionais de saúde.

A baixa diversidade racial entre os profissionais de saúde de nível superior é um reflexo da exclusão da população negra de funções de maior reconhecimento e prestígio social e melhores remunerações. Dessa forma, a branquitude e o elitismo marcam o perfil dessas profissões (Jamieson *et al.*, 2021).

O racismo também pode se manifestar de forma direta no ambiente de **atendimento clínico**, visto que indivíduos de grupos raciais historicamente marginalizados podem enfrentar discriminação e preconceito por parte dos profissionais de saúde, o que pode abalar a confiança no sistema de saúde e levar o indivíduo a evitar ou postergar cuidados essenciais, comprometendo seu bem-estar e qualidade de vida.

A literatura documenta extensivamente atitudes e comportamentos discriminatórios por parte dos profissionais de saúde com base na raça. Estudos mostram que pessoas negras em situação de cuidado frequentemente recebem tratamento menos respeitoso, têm sua autonomia nas decisões clínicas mais restrita e são mais responsabilizadas por falhas no tratamento em comparação a pessoas brancas (Cabral; Caldas; Cabral, 2005; Candido *et al.*, 2019; Lamenha-Lins *et al.*, 2022).



Profissionais de saúde podem perpetuar estereótipos racistas, por exemplo, ao sugerir que pessoas negras têm maior resistência à dor. Essa crença ignora a diversidade dentro da comunidade negra e pode levar à negligência no tratamento da dor, resultando em disparidades no acesso e na qualidade dos cuidados de saúde.

Nas diversas áreas da saúde, indivíduos de grupos racialmente marginalizados frequentemente recebem tratamentos menos conservadores e mais invasivos em comparação aos brancos. Essa disparidade reflete tanto a falta de compreensão das necessidades individuais quanto vieses raciais que podem influenciar as decisões clínicas dos profissionais de saúde, impactando a qualidade e a equidade no atendimento.

Esse comportamento discriminatório é resultado também da **falta de competência cultural** de grande parte dos profissionais de saúde.

COMPETÊNCIA CULTURAL

Define-se a competência cultural, nesse contexto, como um compromisso contínuo de autoavaliação e autocrítica frente aos desequilíbrios de poder que atravessam as relações entre profissionais de saúde e as pessoas e comunidades atendidas.

Os profissionais devem desenvolver práticas colaborativas com as pessoas e comunidades, baseadas no respeito mútuo, na escuta qualificada e na valorização dos saberes populares, adotando uma postura não hierárquica e comprometida com a autonomia no cuidado. Uma prática de saúde culturalmente segura é caracterizada por *ações que reconhecem, respeitam e alimentam a identidade cultural única de um povo e atendem às suas necessidades, expectativas e direitos*. Ela acontece quando um profissional de saúde desenvolve sensibilidade cultural e é capaz de identificar e refletir sobre sua própria cultura e a influência que ela exerce sobre sua prática. Dessa maneira, a interação dos dois não é prejudicial, e a dignidade e o respeito são mantidos para ambos (Gouveia, Silva, Pessoa, 2019).

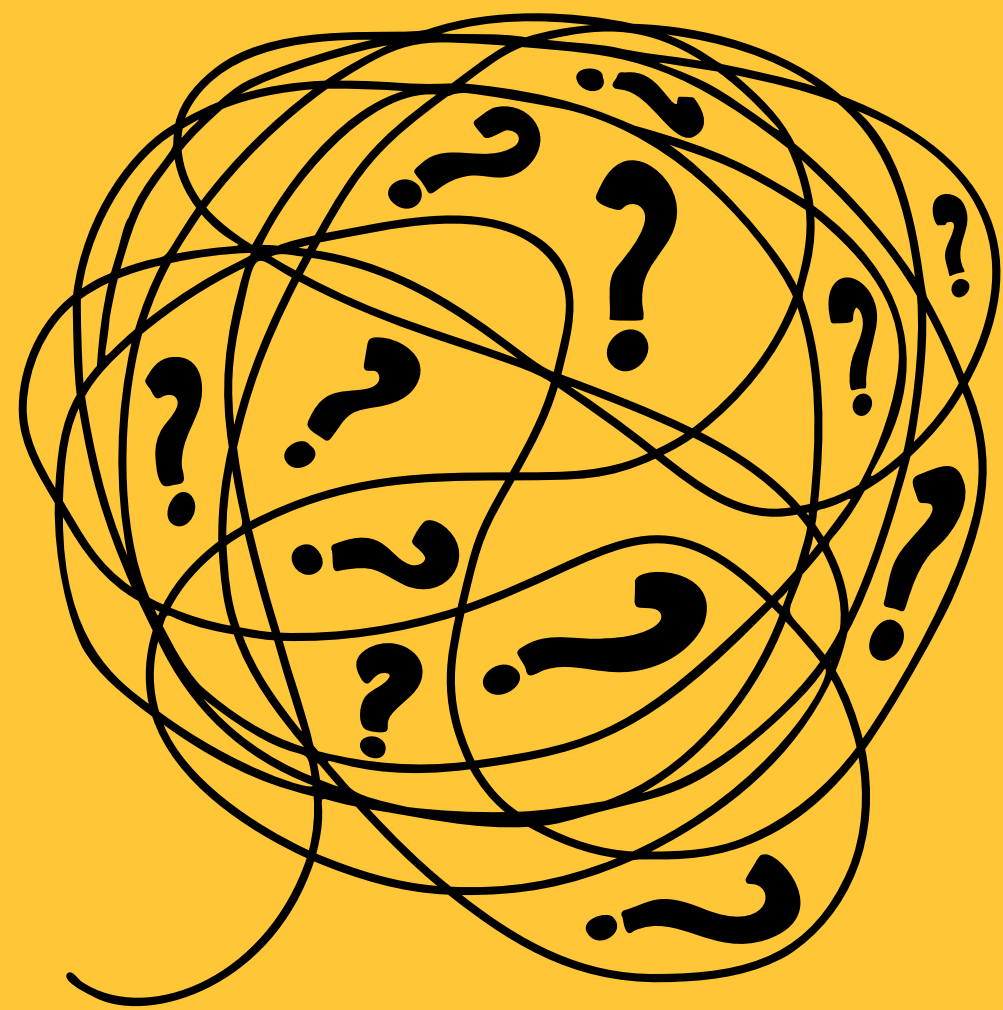
Atribuir maior ou menor autonomia a indivíduos com base em características raciais configura uma prática discriminatória, que deve ser problematizada tanto na formação quanto na atuação profissional. A perspectiva verticalizada da relação entre profissionais de saúde e pessoas em situação de cuidado — na qual o primeiro detém o poder exclusivo sobre as decisões clínicas e silencia as demandas do outro — reflete um modelo de atuação baseado na ausência de competência cultural, que precisa ser superado em direção a práticas mais dialógicas, equitativas e culturalmente sensíveis.

Para abordar o racismo estrutural na saúde, é necessário um **esforço multifacetado** que aborde suas raízes profundas e suas múltiplas manifestações. Isso inclui políticas que promovam a equidade em saúde, programas de diversidade e inclusão no setor de saúde, treinamento culturalmente sensível para profissionais de saúde e esforços para combater o racismo em todas as suas formas.

É fundamental reconhecer que o racismo não é apenas uma questão moral ou social, mas também uma questão de **saúde pública**. Abordar o racismo estrutural na saúde não é apenas uma questão de justiça, mas também uma questão de saúde e bem-estar para todas as pessoas. Enquanto o racismo persistir, continuaremos a ver disparidades inaceitáveis em saúde que prejudicam as comunidades racializadas e minam o princípio fundamental da justiça em saúde.



FINAL. QUAL O MEU PAPEL DIANTE DO RACISMO E DE SUAS REPERCUSSÕES?



A essa altura, já entendemos que o racismo não se limita a uma conduta individual discriminatória e que ele está arraigado em estruturas sociais, políticas e culturais que perpetuam a disparidade racial. Assim, todos, independentemente de raça ou etnia, somos impactados por essas estruturas e podemos desempenhar papéis tanto na sua manutenção, quanto na sua desconstrução.

Logo, ao internalizarmos essa compreensão, assumimos a responsabilidade de combater o racismo e promover a igualdade racial. Isso implica nos educar sobre as diferentes formas de manifestação do racismo, examinar nossos próprios preconceitos e privilégios, e adotar medidas concretas para confrontar o racismo em nossas comunidades e instituições.

Todos compartilhamos a responsabilidade de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, na qual o peso do racismo não seja sentido. Para além disso, enquanto profissionais de saúde, temos a responsabilidade de promover saúde para a população e o reconhecimento do racismo como um determinante social da saúde o coloca no centro desse debate.

COMO SER UM PROFISSIONAL DE SAÚDE ANTIRRACISTA?

1

RECONHEÇA A EXISTÊNCIA DO RACISMO E DAS INIQUIDADES RACIAIS EM SAÚDE

Especialmente no Brasil, onde se perpetua o grande mito da democracia racial, e muitas pessoas, ainda nos dias de hoje, negam a existência do racismo, **reconhecer a existência deste e o impacto que ele exerce na vida dos indivíduos é o primeiro passo para se tornar antirracista.**

Aceitar essa realidade nos permite enfrentar as injustiças sistêmicas que impactam os grupos raciais minoritários em diversos aspectos da vida e priorizar ações efetivas para promover a igualdade e valorizar a diversidade em todos os setores da sociedade.

A person with dark skin is sitting on a light-colored floor, holding a large black rectangular sign with both hands. The sign has white text that reads "RACISM IS NOT OPINION". The person is wearing dark jeans and a dark top. The background is a plain, light-colored wall.

**RACISM
IS NOT
OPINION**

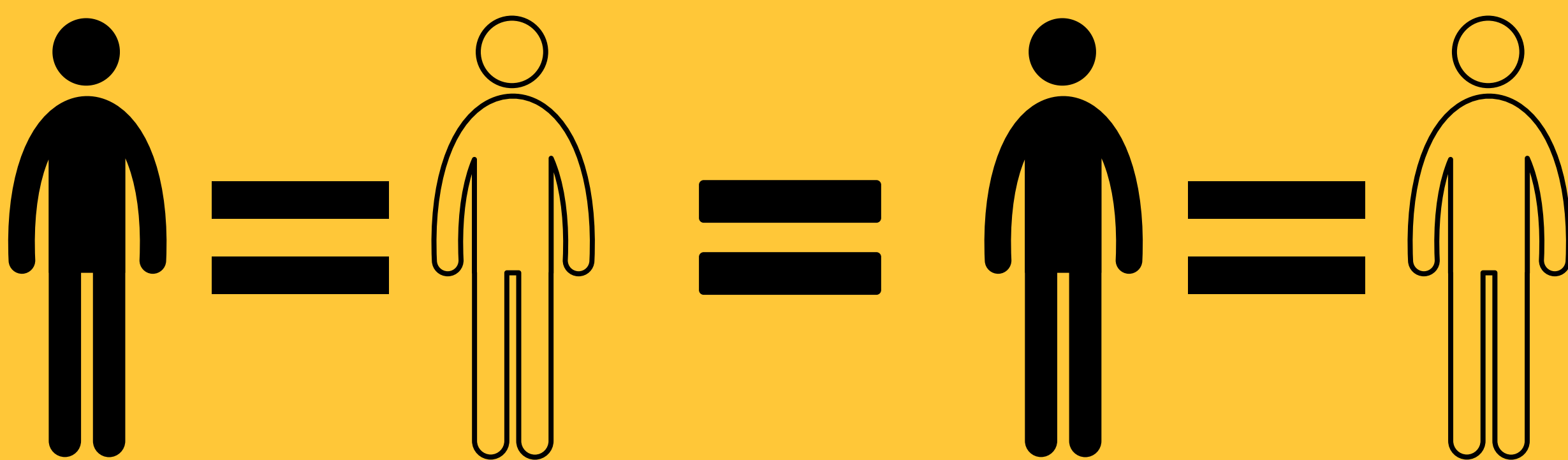
2

QUESTIONE SUAS ATITUDES E PRÁTICAS

É fundamental ponderarmos nossas posturas e condutas como um passo na luta contra o racismo, o que implica **analisar minuciosamente nossos próprios comportamentos e convicções arraigadas, e estarmos receptivos a aprender e evoluir.**

Um exemplo evidente ocorre quando nos deparamos com situações em que formulamos suposições com base na raça de alguém. Por exemplo, ao mudar de calçada para evitar um grupo de jovens negros, estamos perpetuando estereótipos prejudiciais e fortalecendo o temor racial. Ao questionarmos essa postura, podemos nos conscientizar sobre como o racismo influencia nossas ações e buscar maneiras de enfrentá-lo.

Outro exemplo é quando negligenciamos ou minimizamos a vivência de racismo de outras pessoas. Por exemplo, se alguém relata ter sido alvo de discriminação racial no ambiente de trabalho e nós ignoramos ou duvidamos de sua experiência, estamos menosprezando sua vivência e perpetuando a injustiça. Questionar essa prática envolve escutar com atenção as vivências de outras pessoas, validar seus sentimentos e procurar formas de apoiá-las.

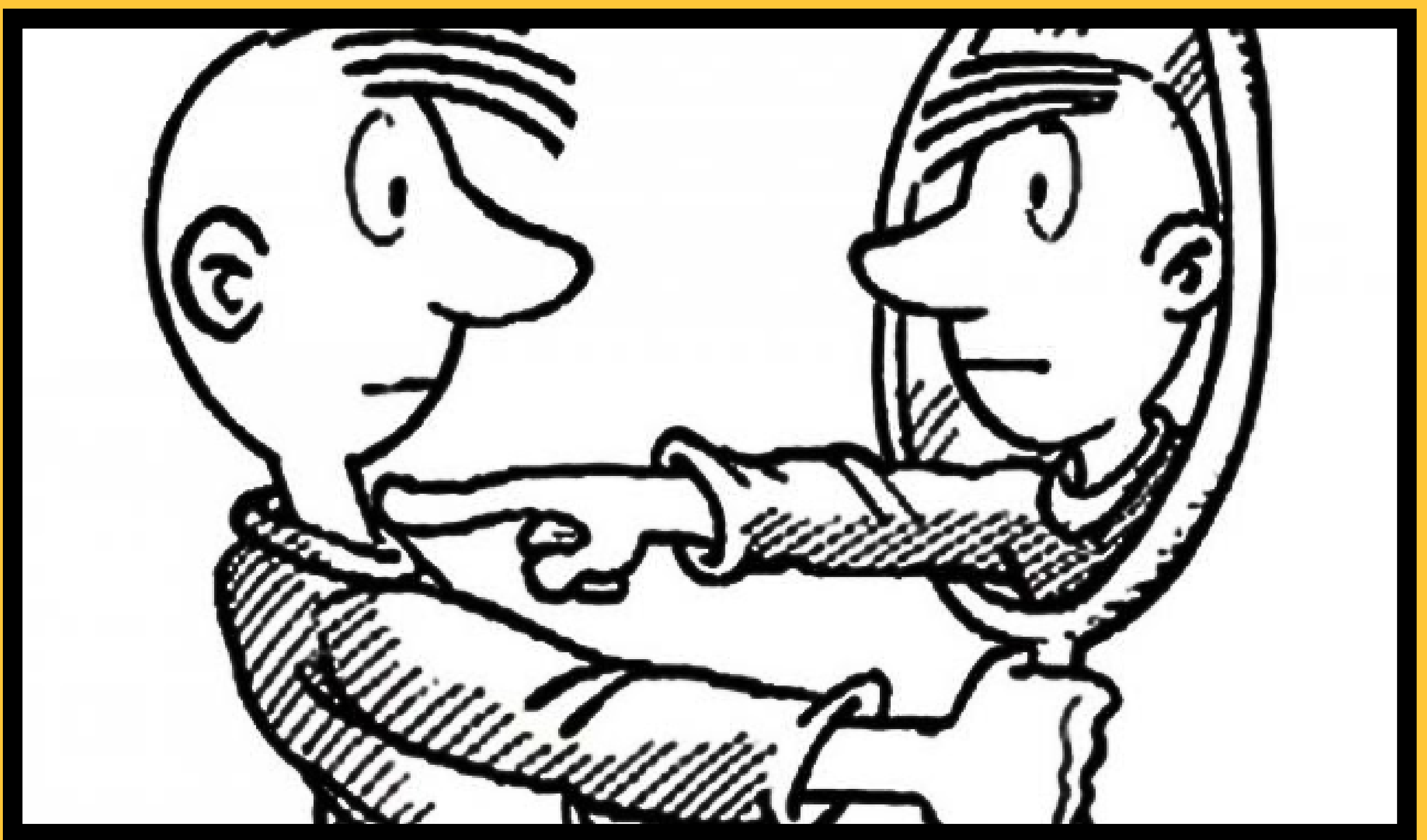


Além disso, é fundamental problematizar, no cotidiano do trabalho, atitudes relacionadas ao respeito à autonomia da pessoa atendida, à indicação de tratamentos e ao tratamento diferenciado com base na raça. Questionar nossas próprias práticas nos permite reconhecer e enfrentar o racismo internalizado que, muitas vezes, reproduzimos de forma não intencional.

Em suma, indagar sobre nossas atitudes exige um compromisso contínuo com a autoconsciência e a autocrítica. Ao fazermos isso, podemos contribuir para a criação de um ambiente mais justo e equitativo, onde todos são respeitados e valorizados, independentemente de sua raça ou etnia.

“NÃO HÁ NADA MAIS TRÁGICO NESTE MUNDO DO QUE SABER O QUE É CERTO E NÃO FAZÊ-LO. QUE TAL MUDARMOS O MUNDO COMEÇANDO POR NÓS MESMOS?”

— MARTIN LUTHER KING



As ações afirmativas são políticas e medidas criadas para corrigir desigualdades históricas e assegurar a inclusão de grupos marginalizados, como pessoas negras e indígenas, em diferentes aspectos da sociedade. Assim, apoiá-las implica reconhecer a necessidade de enfrentar as injustiças históricas e estruturais que têm contribuído para desigualdades com base na raça e etnia, o que inclui implementar políticas como cotas raciais em instituições de ensino e no mercado de trabalho, garantindo acesso igualitário a oportunidades educacionais e profissionais para grupos historicamente excluídos.

Além disso, **respaldar as ações afirmativas significa defender a diversidade e representatividade em todos os âmbitos da sociedade, como mídia, cultura, política e outros setores.** Isso é essencial para garantir que as vozes e experiências das comunidades marginalizadas sejam reconhecidas e valorizadas, contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e justa para todos.

Assim, é indispensável compreender que as ações afirmativas não visam privilegiar um grupo em detrimento de outro, mas sim garantir igualdade de oportunidades para todos, independentemente de raça ou origem étnica. Ao apoiarmos essas políticas, estamos trabalhando para criar um ambiente mais equitativo e diversificado, onde cada indivíduo possa alcançar seu potencial máximo sem ser prejudicado por discriminação ou preconceito.



4

ATUE NA LUTA ANTIRRACISTA

Atuar na luta antirracista é um compromisso com a justiça, igualdade e respeito pela diversidade. Assim, **não é apenas uma questão de palavras, mas de ações concretas que desafiam e desmontam as estruturas de opressão racial.**

Uma forma poderosa de atuar na luta antirracista é **educando-se e educando os outros**. Isso envolve questionar ativamente as narrativas dominantes que perpetuam estereótipos e preconceitos, e buscar compreender a história e as experiências das pessoas racializadas. Participar de grupos de estudo, ler obras de autores negros, assistir a filmes e documentários que abordam o tema do racismo são estratégias para ampliar nosso entendimento e nossa capacidade de dialogar sobre essa questão de maneira mais informada e sensível.

Outra forma crucial de atuar na luta antirracista é reconhecer e confrontar o racismo em nossas próprias vidas e comunidades. Isso pode significar estar atento aos nossos próprios preconceitos e privilégios, e trabalhar ativamente para desaprender padrões de pensamento e comportamento que sustentam a supremacia branca.

Além disso, é fundamental apoiar e participar de movimentos e organizações antirracistas que estão na linha de frente da luta por justiça racial. Isso pode envolver doações financeiras, voluntariado, participação em protestos e manifestações, ou simplesmente amplificar as vozes e demandas desses grupos em nossas redes sociais e círculos de influência.

Atuar na luta antirracista não é uma tarefa fácil, e muitas vezes envolve enfrentar resistência e desconforto. No entanto, é um compromisso vital para a construção de um mundo mais justo e inclusivo para todas as pessoas, independentemente de sua raça ou origem étnica. Como nos lembra Djamila Ribeiro, em seu livro “Pequeno Manual Antirracista”, cada pequena ação conta e pode fazer a diferença na transformação da sociedade rumo a um futuro verdadeiramente antirracista.

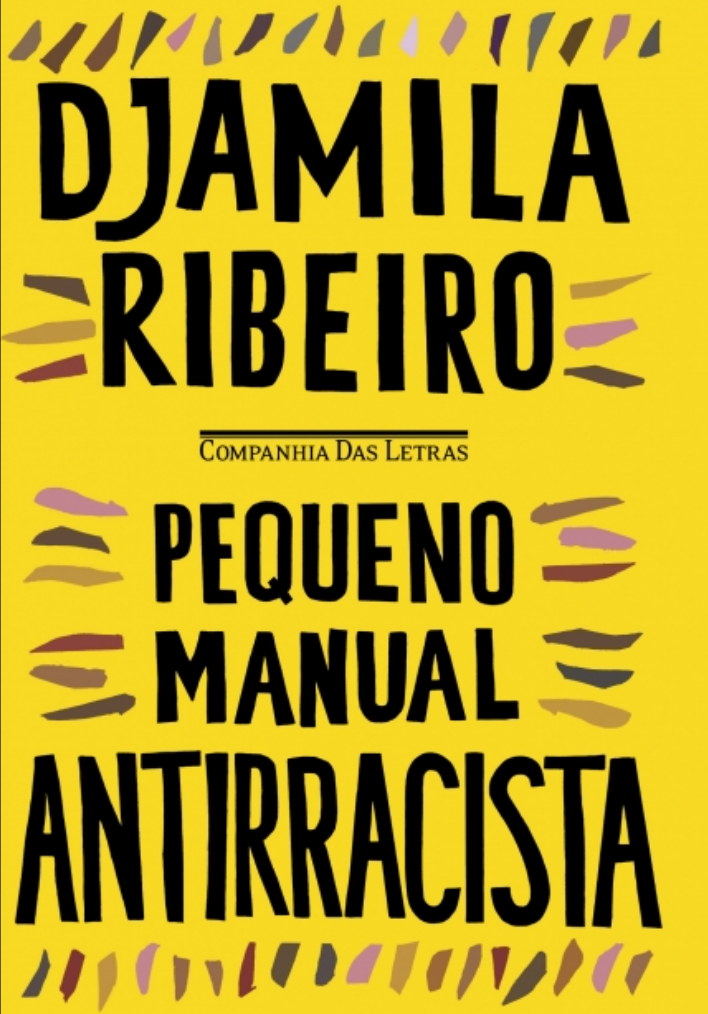


PASSO A PASSO PARA SE TORNAR UM PROFISSIONAL DE SAÚDE ANTIRRACISTA

PASSO 1	PASSO 2
Eduque-se sobre o racismo: Comece por aprender sobre o racismo, suas origens históricas, suas manifestações contemporâneas e como ele afeta a saúde das pessoas. Leia livros, artigos e assista a documentários que abordam essas questões. Esteja aberto a confrontar seus próprios preconceitos e privilégios.	Reconheça o racismo na saúde: Esteja ciente das iniquidades raciais na saúde e reconheça como o racismo estrutural influencia essas iniquidades. Isso envolve entender como políticas, práticas e sistemas de saúde contribuem para as desigualdades.
PASSO 3	PASSO 4
Promova a equidade em sua prática: Faça um esforço consciente para oferecer cuidados de saúde equitativos a todos, independentemente de sua raça, etnia ou origem cultural. Isso pode incluir a realização de avaliações de saúde culturalmente sensíveis, adaptando os planos de tratamento para atender às necessidades individuais e defendendo políticas que promovam a equidade na saúde.	Examine seus próprios vieses e privilégios: Faça uma autoavaliação honesta de seus próprios preconceitos e privilégios. Esteja disposto a reconhecer e desafiar qualquer comportamento ou atitude que possa contribuir para a perpetuação do racismo.

PASSO 5	PASSO 6
<i>Promova a diversidade e inclusão:</i> Trabalhe para criar ambientes de trabalho e equipes de saúde que sejam diversos e inclusivos. Isso pode envolver recrutamento ativo de profissionais de saúde de diversas origens e culturas, bem como a promoção de um ambiente onde todas as vozes sejam valorizadas.	<i>Advogue por mudanças sistêmicas:</i> Trabalhe para mudar políticas e práticas institucionais que perpetuam o racismo na saúde. Isso pode incluir o envolvimento em iniciativas de defesa, colaboração com organizações comunitárias e advocacia por políticas que promovam a equidade na saúde.
PASSO 7	PASSO 8
<i>Seja um aliado:</i> Esteja disposto a usar sua posição e privilégio para apoiar e amplificar as vozes daqueles que são afetados pelo racismo na saúde. Isso pode envolver o apoio a comunidades marginalizadas, defendendo mudanças sistêmicas e se posicionando ativamente contra o racismo.	<i>Atenção:</i> Lembre-se de que ser um profissional de saúde antirracista é um processo contínuo de aprendizagem e crescimento. Esteja aberto ao <i>feedback</i>, disposto a reconhecer e corrigir erros e, acima de tudo, comprometido em promover um sistema de saúde mais justo e equitativo para todos.

SUGESTÕES DE LECTURA



★★★★★

“PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA”

Djamila Ribeiro

★★★★★

“NÃO BASTA NÃO SER RACISTA: SEJAMOS ANTIRRACISTAS”

Robin Diangelo





★★★★★

“RACISMO ESTRUTURAL”

Silvio Almeida

REFERÊNCIAS

- Almeida, S. Racismo estrutural. São Paulo: Pólen, 2019.
- Bonilla-Silva, E. What Makes Systemic Racism Systemic? Sociological Inquiry, v. 91, n. 3, p. 513-533, 2021. DOI: 10.1111/soin.12420.
- Braverman, P. A. *et all*. Systemic And Structural Racism: Definitions, Examples, Health Damages, And Approaches To Dismantling. Health Affairs, v. 41, n. 2, p. 171-178, 2022. DOI: 10.1377/hlthaff.2021.01394.
- Cabral, E. D,; Caldas Júnior, A. F.; Cabral, H. A. Influence of the patient's race on the dentist's decision to extract or retain a decayed tooth. Community Dentistry and Oral Epidemiology, v. 33, n. 6, p. 461-466, 2005. DOI: 10.1111/j.1600-0528.2005.00255.x.
- Candido, L. C. *et al*. Conflitos com o paciente, cor/raça e concepções de estudantes de Odontologia: uma análise com graduandos no Sul do Brasil. Physis, v. 29, n. 4, e290410, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312019290410>.
- Gouveia, E. A.; Silva, R. D. O.; Pessoa, B. H. S. Cultural competence: An answer required to overcome barriers to health care access for Minoritized populations. Revista Brasileira de Educação Médica, v. 43, n. 1, p. 82-90, 2019. <https://doi.org/10.1590/1981-5271v43suplemento1-20190066>.
- Jamieson, L.; Peres, M.A.; Guarnizo-Herreno, C. C.; Bastos J.L. Racism and oral health inequities; An overview. EClinicalMedicine, v. 34, 100827, 2021. DOI: 10.1016/j.eclinm.2021.100827.
- Lamenha-Lins, R. M. *et al*. Racismo estrutural e saúde bucal. 1ª edição. Belo Horizonte: FAO UFMG; 2022.
- Ribeiro, D. Pequeno manual antirracista. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- Werneck, J. Racismo institucional e saúde da população negra. Saúde e Sociedade, v. 25, n. 3, p. 535-549, 2016. DOI 10.1590/S0104-129020162610.